PAULO MARTINS

# *Apenas Um Minuto*

## *Para recordar*

*ROMANCE*

Apenas um minuto

# APENAS UM MINUTO

www.clubedeautores.com.br

Novembro/2013

Paulo Martins

Apenas um minuto

*Cada minuto de vida é sempre um minuto a menos e não um minuto a mais. Mal nascemos e já começamos a morrer.*

*Anderson Cavalcante*

Apenas um minuto

# Agradecimentos

Primeiro a Deus, por tudo.

Preciso agradecer também à minha esposa Janete pela paciência com que suporta minhas longas ausências dentro de casa (onde fico viajando na janela do computador). Obrigado, meu amor, você me mostrou a verdadeira felicidade!!!

Paulo Martins

Às minhas filhas Ingrid e Paula: puxa, meninas, como vocês cresceram! Ingrid está no segundo ano do ensino médio e Paula vem logo atrás no oitavo ano do ensino fundamental.

*À Janete, Ingrid e Paula com amor.*

*Vocês são a razão da minha vida !!!!*

Apenas um minuto

# *PRÓLOGO*

Rio de Janeiro, 11 de julho de 2011

*Sei pouco sobre o que é recordar.*

Recordar algo significa que já o esquecemos ou quer dizer que apenas o hibernamos na caverna da saudade? Uns recordam para escarnecer, outros recordam

para impingir sofrimento a outrem. Eu recordo porque jamais esqueci. Paradoxal.

*"Conservar algo que possa recordar-te seria admitir que eu pudesse esquecer-te."*

Em muitas passagens tristes na minha jornada pela senda da perda eu me pus a escarafunchar essa frase de Shakespeare. Eu a revirei em minhas mãos, sondei suas intenções, as mais

latentes e aquelas dissimuladas, como uma galinha a esgravatar o solo. Mas tinha algo que me escapava, um corregozinho gaiato que rolava sorrateiro nas entrelinhas. Dissequei mais e mais tal frase, raspei o fundo do poço e finalmente um clarão fúlgido de relâmpago fugaz iluminou meus olhos: Perdoe-me, Shakespeare, não quero sequer arranhar tua soberba sapiência, mas essa sua frase não se pode aplicar à enorme tristeza que me corrói

diante da partida inesperada do Pai, às minhas horas frias, em que rolo pelo ladrilho da saudade, muito incomodada com sua perda. Recordar, portanto, é exercício personalizado, cada qual, neste mundo imundo, o arranja e o adapta à sua própria dor. Pois, se o que conservo do Pai são seus inteligentes olhos castanhos, seu cabelo ciosamente alinhado pela brilhantina, seu cinzel cheio de ranhuras, seu

sorriso suave, que traz aqui alguma baba de Monalisa...

Sei pouco sobre o que é recordar. Meu coração me aponta o caminho para as lonjuras da estrada que me leva ao Pai. O Pai, sim, sempre o Pai.

Pai é como nossas digitais: único, exclusivo.

A palavra chinesa para dizer "sozinho" é *tu.* E o *tu* também pode ser usado para designar fraqueza. Que agradável coincidência! *Tu* tem

conotação de fraqueza quando se aplica a uma pessoa que esteja agindo de forma unilateral, com arroubos de capricho e de forma isolada, em oposição a sãos princípios. Então, é bem isso mesmo: estou *tu,* mas meu *ka* sangra no veio pastoso da saudade.

•••

Apenas um minuto

Como eu não sou escritora famosa, e nem sei escrever direito, vou fazer a narrativa das minhas memórias do jeito que elas me vêem à cabeça: às vezes de forma linear, às vezes com jeito destrambelhado mesmo. Direto ao ponto exato !!!

Paulo Martins

Eu achei chiques aquelas primeiras frases que escrevi ali atrás sobre o que seria o tal de recordar. Fiquei orgulhosa de saber que fui eu mesminha que escrevi aquilo. Afinal, escrever não sei, mas recordar eu sei muito bem. Ah, como sei.

O importante para mim é parir minhas lembranças de uma forma que possa ser gostoso para alguém lê-las. Não me pergunte por que fiz isso, porque escrevi minhas

memórias. Eu teria que dizer-te como a velha professora de português do ensino médio: fi-lo porque qui-lo !

Se, ao ler estas memórias, às vezes você encontrar marcas de água no papel é porque alguma lembrança em particular mexeu comigo muito e uma lágrima, ou mais, caiu. Eu sou meio poeta, e é engraçado, porque fico com um pouco de vergonha disso. É que a poesia está tão em baixa atualmente que até Paulo

Leminski, se vivo estivesse, talvez escolhesse ser cantor sertanejo, funkeiro, BBB, ou ex-BBB, ao invés de escrever coisas emotivas. Poesia é essencial, apesar de ser o sexo frágil da literatura.

Mas eu já ia me desviando do meu objetivo, que é contar minha história. Fico danada da vida com esse costume besta que eu tenho: eu me disperso facilmente do assunto que estou falando, parece que minha cachola das idéias é

muito fraca. Qualquer ventinho de nada leva meus pensamentos para longe.

Por isso que escrevi daquele jeito ali atrás, no comecinho desse negócio: "Sei pouco sobre o que é recordar." Eu acho bem mais honesto a gente narrar as coisas do modo como elas aconteceram, sem ficar botando ares de filósofo grego. Claro, a palavra falada é cheia de interferências, né, a gente para de falar para tossir, às vezes é um cisco que se enfia no nosso

olho. Às vezes vem uma pausa para a gente lembrar certinho das coisas e não falar bobagem. Outra coisa, de vez em quando a gente até chora com as lembranças mais cruas e cruéis. Então as palavras ficam assim meio fragmentadas. E o *tu* arrasta suas garras para o meu peito.

Agora, escrever é diferente, a gente vai juntando as palavras certinhas. Se escrevemos e depois não gostamos a gente "deleta" a palavra.

Antigamente, no meu tempo de menina, não existia "deletar". A gente apagava o que tinha datilografado errado com borracha, ou com Errorex, e às vezes até furava o papel porque a gente cuspia na borracha para ela apagar melhor, e ao friccioná-la no papel, acabava por rasga-lo.

Então, para evitar rasgaduras, a gente voltava o carrinho da Remington Lettera 35/i e colocava a

palavra escrita errada entre parênteses (.....) e escrevia novamente, direitinho.

Vou avisar mais uma vez: se você perceber que eu meio que me perdi na narrativa me dê um desconto. Eu não sou uma escritora dessas aí como a Clarice Lispector, tá? O importante para mim é contar tudinho, ou quase, o que aconteceu em minha vida na infância. Mas espero que, conforme as coisas vierem à minha mente, e eu as for escrevendo, eu possa

melhorar o estilo e isso acabar virando um livro.

Se será publicado, bem, são outros quinhentos.

Por isso eu vou contar logo um segredo meu:

faço um minuto de silêncio todo dia às 14:03

horas pela memória do meu pai. Pronto, contei.

Leia as linhas seguintes na próxima página,

então.

*Nem mesmo se o mundo estiver nas chamas do apocalipse esta fidelidade será violada.*

*(Outra frase que achei bonita.)*

Apenas um minuto

Exatamente às 14:03 horas de cada dia eu faço um minuto de silêncio ritual pela memória do meu pai. Onde quer que eu me encontre, não importa o que esteja fazendo, nem mesmo onde possam estar meus pensamentos, paro tudo e me viro de *corpus* e *ka* para leste em direção a Saulx-les-Chartreux, onde a tristeza repousa.

Paulo Martins

E isso é uma barra, estou aqui espumando a cuca de raiva e me revolvendo nas cinzas secas da mágoa.

...

Eu queria dizer que já se escoaram 38 anos pelo ralo contínuo do Tempo, desde o dia mais triste dos dias até a tarde cálida desta segunda-feira. O Tempo passa rápido pela janela da minha alma e a paisagem fica desfocada pela rapidez com que tudo acontece, os *pixels* da vegetação,

nas laterais da estrada, se esvaem, tornando-se coriscos velozes. Não há o que possa parar o Tempo, esse veloz felino. Estou aqui, de calça jeans alvejada e uma camiseta com a cara de mau do Mohamed Ali na frente, com os punhos contraídos em pose de luta, sentada em uma cadeira de madeira com estofamento de veludo vermelho, na sala com grandes espelhos nas paredes e toco *Champagne* nas cordas do *cello*, seu som melancólico preenchendo os amplos

espaços do meu apartamento. É tal como se vibrasse cada corda de meu coração, fazendo-me flutuar nas asas do som grave deste velho *cello* Montagna, que havia pertencido a Guilhermina Suggia e o Pai, ao custo de todas as economias que ele havia ajuntado no decorrer de muitos anos, havia comprado. Estou aqui, vendo a areia das lembranças escorrer na ampulheta do Tempo.

Você deve ter notado bem aqui neste ponto uma marquinha de água, não é?

(Lágrimas caem.)

Quero começar dizendo ... (fique tranquilo, não, não, não vou dizer *era uma vez ...)* como está a temperatura hoje na minha cidade. Então, tome nota: é inverno, mas o tempo abriu hoje de manhã sem nuvens e um friozinho gostoso se aninha em mim misturado pelo sol pleno,

amarelo e redondo como a massa das panquecas que você tanto adorava Pai, e que ilumina a vida lá fora, a qual visualizo pela fresta de céu que a porta da sala emoldura neste momento. Seus raios perfeitamente retos e lisos iluminam até mesmo o seu túmulo, fazendo rebrilhar, como raios nervosos sobre o manto amarelo-gema do deserto, o letreiro de bronze onde seu nome está gravado em estilo gótico-itálico e reverberando como fagulhas

tépidas na branca superfície marmórea polida, debaixo de onde o que restou de você, Pai, descansa.

O túmulo é retangular, de mármore branco raiado de estrias cinza, e acima do compartimento onde o Pai está minha mãe mandou construir outra base para mais dois caixões: o dela e o meu. Tétrico, porém verdadeiro e da mais pura e boa intenção.

Mesmo com dor no coração eu precisava falar um pouco sobre o túmulo do Pai. Naquele retângulo frio, silencioso como as profundezas negras do oceano, estão depositados os restos calcinados do Pai.

Mas eu queria dizer também que, em meu coração, você estará inteiro para sempre, Pai. Não se esqueça disso, meu camarada.

É bom você saber, também, suposto leitor, que estou com muita saudade do Pai hoje. Então, apanho a caixa de papelão cheia de fotos na mesinha de centro e a coloco em meu colo. Dezenas de lembranças da minha infância com o Pai surgem diante de meus olhos, cada foto um raio do passado cortando o céu da minha saudade.

A maior parte das fotografias está um tanto amarelada, com as bordas virando pelo

manuseio constante. Principalmente aquelas em que o Pai está com o uniforme da Varig, justamente porque eu as vejo sem parar por horas a fio.

Sinto-me exausta e com o corpo pesado por conta das lembranças que não param de bailar. Olho pela ampla janela envidraçada de meu apartamento no décimo-primeiro andar e observo um avião planando no céu azul como se fosse um beija-flor, afundando lentamente